

Roteiro de Atividades

Romance

9º Ano | 4º Bimestre | 1º Ciclo

Versão do Professor

Apresentação

Este Roteiro de Atividades apresenta exercícios relacionados aos descritores do Currículo Mínimo com foco em leitura, uso da língua e produção textual. Essas atividades devem ser implementadas na segunda etapa do ciclo que compõe a disciplina de acompanhamento do quarto bimestre letivo na rede estadual, sendo que sempre podem ser ajustadas às características da sua sala de aula.

No segundo ciclo do bimestre, um roteiro desse tipo também será uma referência para a elaboração de seu próprio material didático. Ao longo do processo de testagem desse material em sala de aula, será sempre importante que você participe dos fóruns virtuais abertos na plataforma - seja para relatar experiências bem sucedidas, seja para relatar dificuldades. Enquanto isso, o seu tutor também continuará a auxiliá-lo na adequação e no aprimoramento do material que você estiver adaptando ou criando.

O roteiro proposto aqui foi planejado para um período de duas semanas de aula, depois deste período inicial de planejamento. No quarto bimestre do 9º ano do Ensino Fundamental, o texto gerador pertence ao gênero *romance*, e foi selecionado a partir da obra *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Escolhemos esse romance por ser relativamente contemporâneo, ter linguagem fluente, protagonistas na faixa etária dos alunos do 9º ano, temática socialmente relevante ligada à questão dos chamados “meninos de rua” e, além disso, constar das principais histórias literárias brasileiras, de programas de concursos vestibulares e, mais recentemente, do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola).

Considerando esse contexto de recepção, procuramos propor atividades que convidassem o aluno da rede à leitura do romance inteiro, através de uma primeira amostra que pudesse despertar a curiosidade e o gosto pela obra.

Por fim, registramos que a história criada por Jorge Amado também já foi adaptada para o teatro, a televisão e o cinema. Em 1989, a rede Bandeirantes levou ao ar a minissérie *Capitães da Areia*, enquanto que o filme de mesmo título, dirigido por Cecília Amado e Guy Gonçalves, tem estreia prevista para outubro deste ano de 2011.

Texto Gerador 1

Capitães da Areia é um dos romances mais conhecidos de Jorge Amado. Sua temática é muito atual, pois, embora se passe nos anos de 1930 e seja ambientado especificamente na capital baiana de Salvador, aborda a situação do menor abandonado e as mazelas pelas quais ele passa em uma cidade grande para poder sobreviver.

A história começa com uma *pseudo*-reportagem na qual se relata o assalto à casa de um rico comerciante da Bahia. Esse delito, segundo o texto publicado no *Jornal da Tarde*, teria sido praticado por um grupo de meninos abandonados que aterrorizava a população da cidade, conhecido como “Capitães da Areia”.

A seguir, há cartas endereçadas à redação do mesmo jornal, cujos remetentes (tais como o Secretário do Chefe da Polícia, o Juiz de Menores, o Padre da cidade ou, ainda o Diretor do Reformatório que abrigava menores infratores) expressam sua opinião sobre o fato. Já é possível perceber, nesses textos, variados pontos de vista, de acordo com a posição que seus autores ocupam na sociedade.

Esses textos introdutórios passam para o leitor a noção de *verossimilhança*, ou seja, o efeito de verdade. Essa parte também leva o leitor a refletir sobre a questão da parcialidade da notícia veiculada pelos meios de comunicação (no caso, um jornal impresso), no sentido de que neles há sempre a defesa de um interesse, ponto de vista ou opinião que são em geral bastante parciais.

A história mostra o cotidiano de um grupo de meninos de rua que habita um trapiche abandonado próximo ao mar. Ao longo do romance, o leitor passa a conhecer, por um narrador em 3ª pessoa, a personalidade de cada um desses meninos abandonados, que sobrevivem à custa de pequenos furtos. O romance também revela os desejos e os sofrimentos desses personagens que, entre abandono, roubos e outros delitos, passam por um rico processo de amadurecimento.

O excerto que vamos ler faz parte do segundo capítulo, “Noite dos Capitães da Areia”. Na impossibilidade de reproduzirmos aqui o capítulo todo, optamos por trabalhar sua parte inicial. É recomendável, no entanto, a leitura integral, para que os alunos sejam apresentados a cada um dos integrantes do grupo.

Esperamos, por fim, que você aproveite bastante o trabalho deste bimestre e que tenha belas discussões com seus alunos acerca do gênero *romance* e dos temas que o título escolhido levanta.



Noite dos Capitães da Areia

1§ A grande noite de Paz da Bahia veio do Cais, envolveu os saveiros, o forte, o quebra-mar, se estendeu sobre as ladeiras e as torres das igrejas. Os sinos já não tocam as ave-marias que asseis horas há muito que passaram. E o céu está cheio de estrelas, se bem a lua não tenha surgido nesta noite clara. O trapiche se destaca na brancura do areal, que conserva as marcas dos passos dos Capitães da Areia, dos que já se recolheram. Ao longe, a fraca luz da lanterna da Porta do Mar, botequim de marítimos, parece agonizar. Passa um vento frio que levanta a areia e torna difíceis os passos do negro João Grande, que se recolhe. Vai curvado pelo vento como a vela de um barco. É alto, o mais alto do bando, e o mais forte também, negro de carapinha baixa e músculos retesados, embora tenha apenas treze anos, dos quais quatro passados na mais absoluta liberdade, correndo as ruas da Bahia com os Capitães da Areia. Desde aquela tarde em que seu pai, um carroceiro gigantesco, foi pegado por um caminhão quando tentava desviar o cavalo para um lado da rua, João Grande não voltou à pequena casa do morro. Na sua frente estava a cidade misteriosa, e ele partiu para conquistá-la. A cidade da Bahia, negra e religiosa, é quase tão misteriosa como o verde mar. Por isso João Grande não voltou mais. Engajou com nove anos nos Capitães da Areia, quando o Caboclo ainda era o chefe e o grupo pouco conhecido, pois o Caboclo não gostava de se arriscar. Cedo João Grande se fez um dos chefes e nunca deixou de ser convidado para as reuniões que os maiores faziam para planejar os furtos. Não que fosse um bom organizador de assaltos, uma inteligência viva. Ao contrário, doía-lhe a cabeça se tinha que pensar. Ficava com os olhos ardendo, como ficava também quando via alguém fazendo maldade com os menores. Então seus músculos se retesavam e estava disposto a qualquer briga. Mas a sua enorme força muscular o fizera temido. O Sem-Pernas dizia dele:

2§ – Este negro é burro mas é uma prensa...

3§ E os menores, aqueles pequeninos que chegavam para o grupo cheios de receio, tinham nele o mais decidido protetor. Pedro, o chefe, também gostava de ouvi-lo. E João Grande bem sabia que não era por causa da sua força que tinha a amizade do Bala. Pedro achava que o negro era bom e não se cansava de dizer:

4§ – Tu é bom, Grande. Tu é melhor que a gente. Gosto de você – e batia pancadinhas na perna do negro, que ficava encabulado.

5§ João Grande vem vindo para o trapiche. O vento quer impedir seus passos e ele se curva todo, resistindo contra o vento que levanta a areia. (...)

(...)

6§ João Grande passa por debaixo da ponte – os pés afundam na areia – evitando tocar no corpo dos companheiros que já dormem. Penetra no trapiche. Espia um momento indeciso até que nota a luz da vela do Professor. Lá está ele, no mais longínquo canto do casarão, lendo à luz de uma vela. João Grande pensa que aquela luz ainda é menor e mais vacilante que a da lanterna do Porta do Mar e que o Professor está comendo os olhos de tanto ler aqueles livros de letra miúda. João Grande anda para onde está o Professor, se bem durma sempre na porta do trapiche, como um cão de fila, o punhal próximo da mão, para evitar alguma surpresa.

7§ Anda entre os grupos que conversam, entre as crianças que dormem, e chega para perto do Professor. Acocora-se junto a ele e fica espiando a leitura atenta do outro.

8§ João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de histórias numa estante de uma casa da Barra, se tomara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob tijolos, para que os ratos não os roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. Gostava de saber coisas e era ele quem, muitas noites, contava aos outras histórias de aventureiros, de homens do mar, de personagens heróicos e lendários, histórias que faziam aqueles olhos vivos se espicharem para o mar ou para as misteriosas ladeiras da cidade, numa ânsia de aventuras e de heroísmo. João José era o único que lia correntemente entre eles e, no entanto, só estivera na escola ano e meio. Mas o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação e talvez fosse ele o único que tivesse uma certa consciência do heroico das suas vidas. Aquele saber, aquela vocação para contar histórias, fizera-o respeitado entre os Capitães da Areia, se bem fosse franzino, magro e triste, o cabelo moreno caindo sobre os olhos apertados de míope. Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprendera a fazer mágicas com lenços e níqueis e também porque, contando aquelas histórias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa mágica

de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia. Pedro Bala nada resolvia sem o consultar e várias vezes foi a imaginação do Professor que criou os melhores planos de roubo. (...)

9§ João Grande ficou muito tempo atento à leitura. Para o negro aquelas letras nada diziam. O seu olhar ia do livro para a luz oscilante da vela, e desta para o cabelo despenteado do Professor. Terminou por se cansar e perguntou com sua voz cheia e quente:

10§ – Bonita, Professor?

11§ Professor desviou os olhos do livro, bateu a mão descarnada no ombro do negro, seu mais ardente admirador:

12§ – Uma história porreta, seu Grande – seus olhos brilhavam.

13§ – De marinheiro?

14§ – É de um negro assim como tu. Um negro macho de verdade.

15§ – Tu conta?

16§ – Quando findar de ler eu conto. Tu vai ver só que negro...

17§ E voltou os olhos para as páginas do livro. João Grande acendeu um cigarro barato, ofereceu outro em silêncio ao Professor e ficou fumando de cócoras, como que guardando a leitura do outro. Pelo trapiche ia um rumor de risadas, de conversas, de gritos. João Grande distinguia bem a voz do Sem-Pernas, estrídula e fanhosa. O Sem-Pernas falava alto, ria muito. Era o espião do grupo, aquele que sabia se meter na casa de uma família uma semana, passando por um bom menino perdido dos pais na imensidão agressiva da cidade. Coxo, o defeito físico valera-lhe o apelido. Mas valia-lhe também a simpatia de quanta mãe de família o via, humilde e tristonho, na sua porta, pedindo um pouco de comida e pousada por uma noite. Agora, meio do trapiche, o Sem-Pernas metia a ridículo o Gato, que perdera todo um dia para furtar um anelão cor de vinho, sem nenhum valor real, pedra falsa, de falsa beleza também.

18§ Fazia já uma semana que o Gato avisara a meio mundo:

19§ – Vi um anelão, seu mano, que nem de bispo. Um anelão bom pro meu dedo. Batuta mesmo. Tu vai ver quando eu trazer...

20§ – Em que vitrine?

21§ – No dedo de um pato. Um gordo que todo dia toma o bonde de Brotas na Baixa dos Sapateiros.

22§ E o Gato não descansou enquanto não conseguiu, no aperto de um bonde das seis horas da tarde, tirar o anel do dedo do homem, escapulindo na confusão, porque o dono logo percebeu. Exibia o anel no dedo médio, com vaidade. O Sem-Pernas ria:

23§ – Arriscar cadeia por uma porcaria! Um troço feio...

24§ – Que tem tu com isso? Eu acho bom, tá acabado.

25§ – Tu é burro mesmo. Isso no prego não dá nada.

26§ – Mas dá simpatia no meu dedo. Tou arranjando uma comida.

27§ Falavam naturalmente em mulher apesar do mais velho ter apenas 16 anos. Cedo conheciam os mistérios do sexo.

28§ Pedro Bala, que ia entrando, desapartou o começo de briga. João Grande deixou o Professor lendo e veio para junto do chefe. O Sem-Pernas ria sozinho, resmungando acerca do anel. Pedro o chamou e foi com ele e com João Grande para o canto onde estava Professor...

”



Atividades de Leitura

1. O romance sempre apresenta uma voz que narra a história. Essa voz recebe o nome de *narrador*, e pode contar a história na *primeira pessoa* (usando, nesse caso, os pronomes “eu” ou o “nós”) ou na *terceira pessoa* (usando, nesse caso, os pronomes “ele/ela” ou “eles/elas”).

O narrador em primeira pessoa, ou *narrador personagem*, pode se apresentar de duas formas: como *narrador testemunha* ou como *narrador protagonista*. O primeiro observa os acontecimentos em geral de forma direta e verossímil, mas seu ângulo de visão é limitado. Já o narrador protagonista vive os fatos como personagem principal, embora também não tenha acesso ao pensamento dos demais personagens. O narrador em terceira pessoa, por sua vez, de um modo geral aparece na história como *narrador intruso* ou *narrador onisciente*. O narrador intruso é aquele que fala com o leitor inclusive julgando o comportamento das personagens. Já o narrador onisciente é o tipo que sabe tudo sobre a história, podendo, inclusive, antecipar para o leitor algum fato ou revelar as idéias e os sentimentos ocultos de um personagem. Considerando esse quadro geral mais esquemático, identifique, dentre as passagens abaixo, uma que indica a presença de um narrador *onisciente* para contar algo.

- a) Os sinos já não tocam as ave-marias que as seis horas há muito que passaram.
- b) – Este negro é burro mas é uma prensa...
- c) O negro pensa que nessa noite de tanto vento são perigosos os caminhos do mar.
- d) Pelo trapiche ia um rumor de risadas, de conversas, de gritos.

Habilidade trabalhada: Identificar o foco narrativo.

Resposta Comentada

Na opção **A**, o narrador descreve o local onde se acha o trapiche como um espectador, limitando-se a situar a paisagem descrita segundo sua percepção. A opção **B** reproduz diretamente as palavras de um personagem, impressionado com a força de João Grande. Na opção **D**, o narrador apenas descreve uma cena observada dentro do trapiche, mas sua visão não mostra ter alcance maior do que teria o nosso olho físico. Assim, a opção que mostra que o narrador do texto seria do tipo *onisciente* é a de letra **C**. O verbo “*pensar*”, presente nesse trecho, indica que o narrador tem conhecimento do que se passa na mente do personagem João Grande porque adota um ponto de vista que extrapola os limites de tempo e espaço.



2. Leia esta passagem:

Engajou com nove anos nos Capitães da Areia, quando o Caboclo ainda era o chefe e o grupo pouco conhecido, pois o Caboclo não gostava de se arriscar.

Assinale, agora, qual das opções abaixo pode ser inferida da passagem acima, ou seja, o que podemos concluir a partir do pequeno trecho lido, ainda que não esteja dito no texto com todas as letras.

- a) Caboclo exerceu forte influência sobre o estilo dos chefes que vieram depois dele.
- b) Caboclo era um chefe que tinha medo de tudo.
- c) Os Capitães da Areia tiveram um chefe chamado Caboclo.
- d) O grupo só ficou famoso apenas depois que passou a empreender ações mais arriscadas.

Habilidade trabalhada: Utilizar pistas do texto para fazer inferências do conteúdo.

Resposta Comentada

Essa atividade é bastante produtiva porque exige que se utilizem intensamente pistas do texto para que a resposta seja encontrada. Com isso, podemos ver que a proposição na letra **A**, por exemplo, não poderia ser inferida a partir do trecho dado, porque esse está indicando justamente o contrário: se o grupo não era conhecido antes por causa do temperamento mais cauteloso de Caboclo, está claro que o momento da narrativa é outro, já que grupo *tornou-se* famoso (*e, portanto, deve ter tido chefes com um estilo diferente de Caboclo*). A afirmação feita na letra **B** também não está correta, porque extrapola o que foi dito: Caboclo “não gostava de se arriscar” (o que indica um temperamento cauteloso), mas não há qualquer sinal, no trecho lido, de que ele tivesse “medo de tudo”. A letra **C**, por sua vez, embora contenha uma afirmação compatível com o que está dito no trecho lido, não demanda qualquer tipo de inferência porque está bem visível no texto.



3. Os personagens do romance são muito semelhantes aos chamados “meninos de rua” da atualidade. Identifique a opção que melhor descreve a maneira como o narrador vê os integrantes dos Capitães da Areia.
 - a) Pequenos marginais que deveriam ser presos.
 - b) Garotos inocentes que na verdade eram apenas vítimas da sociedade.
 - c) Meninos violentos que seriam incapazes de viver em sociedade.
 - d) Garotos com personalidades singulares e interesses variados, que possuíam boa capacidade de organização e noções de justiça.

Habilidade trabalhada: Utilizar pistas do texto para fazer inferências do conteúdo.

Resposta Comentada

Essa questão busca captar traços bastante específicos da narrativa de Jorge Amado: embora ele tenha se interessado em retratar de perto personagens marginalizados, o tratamento que dá a eles não os transforma num grupo homogêneo, com função exclusiva de representar mazelas sociais. Assim, a afirmação da letra **A** não é compatível com o trecho lido, já que os meninos não são tratados em bloco e não há qualquer sugestão de que deveriam ser presos. A letra **B** incorre no mesmo erro de considerá-los em bloco, assumindo no entanto uma perspectiva que não condiz com um texto que apresenta os personagens como capazes de fazer ativamente escolhas individuais, se distinguirem uns dos outros, e ainda mentir e roubar sem culpa, e eventualmente por gosto e não por estrita necessidade (como no caso do anel roubado). A resposta contida na letra **C** também destoa do que o trecho lido mostra, já que os personagens são apresentados como integrantes de um grupo razoavelmente organizado, com certa hierarquia (Pedro Bala, por exemplo, é o “chefe” com autoridade para apertar brigas internas, e João Grande e João José parecem exercer funções mais prestigiadas de conselheiros do chefe), e capazes de cultivar valores como a gentileza e o preparo intelectual através da leitura (João Grande, por exemplo, usa sua força pra proteger os mais novos, enquanto que João José goza do respeito e mesmo da admiração de colegas justamente porque lê muito e é reconhecido como uma espécie de “Professor”). Pelo conjunto de motivos acima já explorados, vemos que a resposta mais correta está contida na letra **D**.



4. Em “Noite dos Capitães da Areia”, os apelidos atribuídos aos personagens, assim como suas falas e o próprio discurso do narrador, contribuem para a caracterização física e psicológica dos mesmos. Valendo-se de tais elementos presentes no texto, assinale a alternativa que contém um comentário *incorreto* acerca dos personagens citados abaixo:

- a) Pedro Bala pode ser considerado o líder do grupo, aquele que chefia os planos dos furtos, ainda que recorra sempre a João José e a João Grande antes de tomar decisões.
- b) João Grande é tão forte que até Pedro Bala tem medo dele.
- c) João José tem uma imaginação ativa, fruto do gosto pelos livros.
- d) Sem-pernas usa sua deficiência física para se infiltrar nas residências que estão sendo alvo de interesse do grupo pra serem assaltadas.

Habilidade trabalhada: Identificar os personagens.

Resposta Comentada

Ao corrigir essa questão, você pode ressaltar que os personagens se definem no enredo pelo que fazem ou dizem, e pelo julgamento que fazem dele o narrador e os outros personagens.

Após fazer esse comentário mais geral, é possível pedir aos alunos para identificarem trechos do texto que sirvam estritamente para descrever física ou psicologicamente os personagens, como também para que indiquem características que são ressaltadas por meio do comportamento ou das falas deles. Feito isso, seria bom voltar à questão para tentar respondê-la confrontando as opções com os resultados do levantamento inicial já feito.

Nesse contexto, seria possível reconhecer que a opção **A** não serve como resposta *incorreta*, pois de fato percebe-se que Pedro Bala é uma espécie de líder do grupo, chegando a ser denominado como “chefe” pelo narrador. Também está correto o comentário da opção **C**, já que o grande poder de imaginação do personagem é creditado à paixão nutrida pela hábito da leitura (como atest o trecho que diz que “o treino diário da leitura despertara completamente sua imaginação”). Quanto à opção **D**, vale frisar que também está correta, tendo em vista que o fato de Sem-Pernas apresentar uma deficiência física lhe permite mais facilmente enganar as vítimas, que sentem pena e não enxergam nele uma potencial ameaça. A afirmação *incorreta*, portanto, está na letra **B**, já que a força de João Grande é usada principalmente para defender os meninos menores, e Pedro Bala ressalta especialmente, como qualidade notável do amigo, a *bondade* (e não a força).





Atividades de Uso da Língua

5. Em textos narrativos, o discurso citado tem grande importância, pois registra as *falas* dos personagens. Para isso o narrador emprega, frequentemente, o *discurso direto*, em geral introduzido ou retomado por verbos que nos indicam *como* aquela fala foi considerada na cena em questão

Sendo assim, leia as passagens seguintes e procure *identificar* e *substituir* esses verbos por outros com sentido aproximado, comentando ainda as diferenças geradas por essas alterações.

a) Terminou por se cansar e perguntou com sua voz cheia e quente:

– Bonita, Professor?

b) Fazia já uma semana que o Gato avisara a meio mundo:

– Vi um anelão, seu mano, que nem de bispo. Um anelão bom pro meu dedo. Batuta mesmo. Tu vai ver quando eu trazer...

c) – Bom lugar é nos cinemas – disse o Professor voltando-se para o Sem-Pernas.

d) – Que é que tem mais? – novamente interrompeu o Sem-Pernas.

e) – Quer mais corrente de ouro? Da outra vez... – atalhou o Sem-Pernas.

Habilidades trabalhadas: Identificar o ponto de vista do narrador evidenciado na seleção dos verbos *dicendi* e distinguir variações nas formas de introduzir as falas dos personagens.

Resposta Comentada

O aluno deverá identificar os verbos de elocução ou *dicendi*, que são: perguntou, avisara, disse, interrompeu e atalhou. Na sequência, ele tentará substituir esses verbos por outros de natureza similar, no intuito de enxergar similaridades entre as construções. Por exemplo, o

aluno trocará o “perguntar” por “questionar”; o “avisara” por “informara” ou “dissera”. O mesmo fará com os outros verbos. Cabe a você orientá-lo no sentido de que não existem sinônimos que deem conta dos mesmos significados. Explique que o autor, ao fazer a escolha por um dos verbos, o faz por uma razão em especial. Com isso, os alunos compreenderão o uso de algumas pistas que esses verbos dão para entender a informação transmitida.

É importante também chamar atenção para a escolha do verbo *dicendi* em cada contexto apresentado, pois ele também tem a função de caracterizar a fala que introduz ou que retoma. Leve o aluno a refletir sobre as escolhas verbais. Por que, por exemplo, é empregado o verbo *interromper* e não *falar* ou *avisar*? E o verbo *atalhar*? Sugerimos, nesse sentido, que você incentive os alunos a usar um dicionário como ferramenta auxiliar para investigação das diferenças (por vezes sutis) entre os verbos em questão.

Como desdobramento possível dessa atividade, os alunos podem ser incentivados a procurar notícias ou reportagens, em jornais e revistas, que reproduzam a fala de pessoas, identificando o verbo empregado para caracterizar a fala. Outra possibilidade seria fazer uma leitura dramatizada do trecho selecionado como texto gerador, observando as intervenções do narrador e as falas das personagens, com entonação, gestualidade e postura próprias.



6. Releia esta passagem:

Pedro achava que o negro era bom e não se cansava de dizer:

– Tu é bom, Grande. Tu é melhor que a gente. Gosto de você – e batia pancadinhas na perna do negro, que ficava encabulado.

Podemos ver que, nessa passagem, há dois *planos narrativos*: o do narrador e o do personagem. Além da pontuação, indicando o discurso direto, os tempos verbais servem também para demarcar essa diferença. O emprego do *presente do indicativo*, na fala da personagem, cria o seguinte efeito de sentido no texto:

- a) Uma realidade hipotética, que está no nível da imaginação da personagem.
- b) Um efeito de realidade, dando a impressão de que o narrador está diante de nós.
- c) Um efeito de realidade, dando a impressão de que o personagem está diante de nós.
- d) Uma análise da fala de outro, mostrando suas posições ideológicas ou psicológicas.

Habilidades trabalhadas: Reconhecer o discurso direto como meio de presentificar as falas e observar nexos lógicos no texto, empregando adequadamente os tempos e modos verbais.

Resposta Comentada

A alternativa **A** traduz um efeito do emprego do modo *subjuntivo*, e portanto não corresponde ao trecho citado. A alternativa **B** diz respeito ao *narrador* e não à personagem como ocorre no trecho em questão. A alternativa **D** está mais de acordo com o discurso *indireto* (que pode mostrar, na escolha dos verbos *dicendi*, uma certa avaliação dos atos de fala das personagens), mas o exemplo dado apresenta um discurso *direto*. No trecho em questão, o pretérito imperfeito, no plano do narrador, anuncia através do uso do pretérito imperfeito uma fala habitual do personagem Pedro Bala que, no entanto, tem o seu próprio plano temporal usando o presente do indicativo no discurso direto. Essa estratégia permite que a voz do narrador crie um simulacro da realidade, colocando a cena narrada diante do leitor - que, numa leitura em voz alta, poderia lançar mão de recursos como entonação de voz e expressão corporal, de acordo com o evento representado. A alternativa correta, desse modo, é a letra **C**.





Atividades de Produção Textual

7. Considerando que, em geral, o número de exemplares de um mesmo livro na biblioteca escolar não costuma ser suficiente para todos os alunos de uma sala, um bom exercício para garantir que a turma toda tenha contato com a história integral é que um aluno (ou grupo) diferente fique responsável pelo resumo de cada capítulo. No dia marcado esse resumos parciais devem ser apresentados oralmente para os demais alunos, que deverão ser encarregados de fazer, em seguida, perguntas aos apresentadores de modo a esclarecer trechos eventualmente obscuros ou lacunas importantes, de modo que os resumos parciais possam ser aperfeiçoados nesse movimento. Nessa etapa, essas leituras poderiam ser gravadas e disponibilizadas na internet, de modo que seja formada uma memória da atividade acessível a todos. Num último momento dessa atividade, todos os alunos deverão fazer um resumo *geral* da narrativa integral ouvida.

Habilidade trabalhada: Produzir resumos de romances lidos e testar sua inteligibilidade.

Resposta Comentada

Esse tipo de dinâmica permite testar logo de início, e numa situação significativa (*já que a dificuldade com o acervo de livros provavelmente será real*), o grau de adequação dos resumos parciais produzidos. Afinal, a sequência das leituras orais não fará sentido se esses resumos parciais não tiverem captado bem os principais acontecimentos de cada capítulo, apresentando-os numa sequência bem ordenada internamente, ou não tiverem caracterizado bem os personagens que aparecem em cada ponto da história. Num segundo momento, a abertura para que as dúvidas dos ouvintes sejam respondidas dará boas pistas sobre os pontos em

que os resumos parciais podem ter falhado. A gravação dessas leituras, por sua vez, estimulará os alunos a buscar perceber nuances da narrativa que estão relacionadas à oscilação entre discurso direto e indireto e às falas dos diferentes personagens se diferenciando da voz do narrador. Por fim, a demanda pelo resumo integral representará um incentivo a mais para que a estrutura da narrativa em questão seja bem percebida, e todos tenham incorporado de fato um contato mais amplo com a obra em questão.



8. Considerando o resumo da narrativa integral, obtido através do exercício proposto na questão anterior, procure registrar organizada e esquematicamente os seguintes itens relacionados ao livro lido:

- tema;
- foco narrativo;
- época;
- cenário;
- personagens;
- conflito;
- desenlace.

Feito isso, proponha a alteração de um dos itens e justifique sua escolha diante do grupo, escolhendo um colega que possa propor outra alteração, considerando o novo esquema já formado. Siga, então, nessa dinâmica, até que todos os itens listados acima tenham sido alterados pra que a nova narrativa que surgirá desse planejamento esteja ainda mais próxima dos interesses da turma.

Habilidade trabalhada: Planejar um texto narrativo mais longo, estabelecendo qual será o tema, o foco narrativo, a época, o cenário, os personagens, o conflito que os faz agir e o desenlace, respeitando a sequência temporal e observando a relação causal entre os eventos a serem narrados.

Resposta Comentada

A atividade proposta, aparentemente leve como um jogo, deve ser avaliada em relação à capacidade de planejamento dos alunos e à percepção demonstrada em relação à estrutura geral da narrativa e à necessidade de cada item se articular de forma interessante e significativa com os demais. A consistência da justificativa para as mudanças propostas, assim, devem ser levadas em conta, assim como o grau de imaginação e a capacidade de concentração demonstrados pelos alunos.

